
***“eu não queria de maneira nenhuma que meu filho fosse ensinado por um[a] travesti”*: um estudo sobre as vivências profissionais de uma professora travesti**

***"i didn't want my child to be taught by a travestite"*: a study about the professional experiences of a transvestite teacher**

***"yo no quiero de ninguna manera que mi hijo sea enseñado por un (a) travesti"*: un estudio sobre las experiencias profesionales de una maestra travesti**

Dias, Danilo¹ (Vitória da Conquista, BA, Brasil)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>
Souza, Marcos Lopes de² (Jequié, BA, Brasil)
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7174-1346>

Resumo

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa desenvolvida no mestrado em que objetivamos analisar as vivências de uma professora travesti no exercício da docência. A professora Louranya possuía experiência no espaço educacional em escolas públicas de uma cidade do interior da Bahia. Este estudo pautou-se nos estudos pós-críticos, pós-estruturalistas e também tomando como base os referenciais transfeministas. Com esta pesquisa buscamos questionar: como a cisnormatividade opera na escola violentando continuamente a professora travesti? Quais estratégias de resistência Louranya utilizou para continuar como docente na escola? A produção do material empírico se deu por meio de entrevistas narrativas realizadas com a professora Louranya, com a ex-diretora da escola e com a mãe de um dos estudantes. Ao iniciar sua carreira docente, Louranya vivenciou a transfobia por parte da comunidade escolar que não a queria como docente de uma turma dos anos iniciais do ensino fundamental. Mesmo tendo o apoio da diretora, ela foi perseguida e cobrada continuamente, pelo vice-diretor e alguns familiares, para que se construísse como a melhor profissional e desse o melhor de si para continuar no emprego, inclusive porque estava sob regime de contrato temporário. Louranya obteve apoio de várias das mães dos(as) estudantes contudo, algumas optaram pela transferência de seus/suas filhos/as para outra escola.

Palavras-chave: Trabalho docente. Professora travesti. Ensino fundamental.

Abstract

The present work is an excerpt of a research developed during the master's degree in which we aimed to analyze the experiences of a transvestite teacher in the exercise of teaching. The teacher Louranya had experience in the educational space in public schools in a city in the interior of Bahia. This study was based on the post-critical, post-structuralist studies and also on transfeminist references. With this research we sought to question: how cisnormativity operates in school by continuously violating the transvestite teacher? What resistance strategies did Louranya use to continue as a teacher at school? The empirical material was produced through narrative interviews with the teacher Louranya, with the former school principal and with the mother of one of the students. When starting her teaching career, Louranya experienced transphobia from the school community that did not want her as a teacher of a class in the early years of elementary school. Even though she had the support of the principal, she was persecuted and continually charged, by the vice-principal and some family members, to build herself as the best professional and give her best to continue in the job, including because she was under temporary contract. Louranya got support from several of the students' mothers; however, some of them chose to transfer their children to another school.

Keywords: Teaching work. Transvestite teacher. Elementary school.

¹ Docente da Rede Municipal de Brumado/BA. E-mail: danieloduesb@gmail.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPG-ECFP) e do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPG-REC), da UESB, campus de Jequié-BA. E-mail: markuslopessouza@gmail.com

Resumen

Este trabalho es un extracto de una investigación desarrollada en la maestría donde se pretendemos analizar las experiencias de una maestra travesti en el ejercicio de la docencia. La maestra Louranya tenía experiencia en el espacio educativo en escuelas públicas de una ciudad del interior de Bahía. Este estudio se basó en los estudios post-críticos, post-estructuralistas y también tomando como base las referencias transfeministas. Con esta investigación buscamos cuestionar: ¿Cómo opera la cisnormatividad en la escuela violentando continuamente al profesor travesti? ¿Qué estrategias de resistencia utilizó Louranya para seguir siendo profesora en la escuela? La elaboración del material empírico se llevó a cabo mediante entrevistas narrativas realizadas a la maestra Louranya, al antiguo director de la escuela y a la madre de uno de los alumnos. Al comenzar su carrera docente, Louranya sufrió la transfobia de la comunidad escolar, que no la quería como profesora de una clase de los primeros años de enseñanza básica. Aun contando con el apoyo del director, fue perseguida y acusada continuamente por el subdirector y algunos familiares, por lo que se erigió como la mejor profesional y dio lo mejor de sí misma para continuar en el puesto, incluso porque tenía un contrato temporal. Louranya obtuvo el apoyo de varias de las madres de los alumnos, aunque algunas de ellas optaron por el traslado de sus hijos a otra escuela.

Palavras-Clave: Trabalho docente. Professora travesti. Ensino básico.

Iniciando a conversa...

As experiências de vida de travestis e mulheres trans na sociedade brasileira passaram a ser temas de pesquisas acadêmicas com mais frequência a partir da década de 1990. Os estudos e as pesquisas sobre as transgeneridades e as travestilidades mais do que servir para produção de conteúdos e reflexões no meio acadêmico é, antes, um posicionamento político e um movimento de resistência frente às opressões da cisnormatividade.

Sobre esse aspecto é importante compreender que os estudos trans buscam, em sua maioria, um rompimento com as perspectivas tradicionalistas por meio da usurpação da autoridade acadêmica soberana, resignificando-a, reapropriando de suas terminologias engessadas para questionar o que está posto.

Seria o que, nas palavras de Sara Wagner York, Megg Rayara Gomes Oliveira e Bruna Benevides (2020), denominam como a forma de subversão dos métodos, da reapropriação dos termos, do roubo criativo de ideias e da extrema antropofagia: um pensamento Travesti. Essas pesquisadoras trans e travestis buscam visibilizar as suas vivências como mecanismo de ruptura e de desconstrução de muitos entendimentos engessados e cristalizados sobre ser travesti. As pesquisadoras citadas ainda pontuam:

Ao contrário do imaginário do senso comum, ser uma travesti é o reconhecimento de um outro corpo possível, legítimo, além daquele normatizado. É a constituição de uma identidade real (quando apresenta materialmente seu corpo), social (quando transita entre os espaços) e política (quando reivindica direitos – de fato e de direito). Essa mesma identidade social, que é produtora de cultura, rompe com os signos binários estáticos e expressa-se como pertencente ao gênero feminino. A disruptura às normas

sociais, ao longo da história, colocava as travestis às margens sociais, expondo ou naturalizando práticas de violência (estrutural, simbólica, patrimonial, psicológicas e físicas), além da exclusão social comumente praticada por parte da população contra nós. (YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020, p. 2).

Desse modo é possível perceber que a corporalidade travesti, mais do que uma mera adequação ao feminino ou aos feminismos, é antes a constituição de uma identidade real que se relaciona social e politicamente no mundo lutando por respeito aos direitos e garantias conquistadas ao longo do tempo em nosso cenário nacional e mundial.

É abalar as estruturas de um cis-tema que se engendra e se retroalimenta na manutenção dos signos binários e da ideia de essencialidade nas relações entre sexo e gênero, por exemplo. Além de contestar as estruturas, a presença trans e travesti, nos mais variados espaços sociais e institucionais, reivindica espaço, voz, escuta e representatividade.

Apesar de um considerável aumento de pesquisas sobre travestis no Brasil nos últimos tempos, ainda há muito do que se discutir, abordar e problematizar sobre as possíveis compreensões do ser travesti, da maneira como são vistas e de como se veem e se compreendem no decorrer das experiências vividas ao longo do tempo, especialmente neste trabalho, quando elas atuam como professoras.

No trabalho realizado por Benedetti (2005), por exemplo, a compreensão da travestilidade está voltada para as configurações corporais do gênero feminino. Aparece ainda, em alguns estudos sobre a temática, a característica de que para serem identificadas como travestis, muitas não desejam realizar a cirurgia de transgenitalização por entenderem que o pênis não nega a sua feminilidade e que não há, em geral, a incompatibilidade com esta genitália (PELÚCIO, 2009).

O feminino buscado pelas travestis não é consensual e unívoco nas suas visões e que não se trata necessariamente do mesmo feminino das demais mulheres, mas que é antes um feminino “tipicamente travesti, sempre negociado, reconstruído, ressignificado, fluido. Um feminino que se quer evidente, mas também confuso e borrado, às vezes apenas esboçado” (BENEDETTI, 2005, p. 96).

Pensar sobre as identidades travestis no século XXI requer o entendimento de que a autoatribuição por parte das sujeitas deve ser considerada na construção das relações entre as travestis e os demais segmentos da sociedade. Talvez esse

seja um dos grandes desafios quando falamos das relações intersubjetivas entre as travestis e outras identificações, pois a ideia de que existe uma univocidade e uma essencialidade do ser, principalmente quando se discute questões em torno do gênero e das sexualidades, ainda é fortemente disseminada nos espaços sociais e institucionais.

Essas instabilidades nos levam a considerar as vivências da travestilidade como experiências plurais. Deste modo, corroboramos com Pelúcio (2009, p. 27) que adota o conceito de travestilidades por considerar “que ele alarga aspectos de categorização identitária do termo ‘travesti’ que pode ser bastante simplificador quando busca contemplar a gama de possibilidades dessa experiência”.

Perante esses apontamentos, esta pesquisa se interessou em trabalhar com Louranya, uma professora travesti que exerceu a profissão de docente na rede pública municipal por mais de dez anos na cidade de Jequié, interior da Bahia. Ela ficou alguns anos em outras atividades e, posteriormente, retornou em 2021 como coordenadora pedagógica de outra escola da mesma cidade. A pesquisa se deteve em analisar a travesti em suas vivências tomando como formas de atribuição as suas identificações e (des)identificações no decorrer das suas narrativas, bem como com as conversas realizadas com alguns membros da comunidade escolar em que trabalhou.

Um dos motivos que consideramos relevante também na escolha de pesquisar as travestis professoras é que temos o anseio de que essas vivências da travestilidade e as práticas utilizadas pela travesti participante da investigação possam trazer ensinamentos importantes e grandes contribuições para pensarmos sobre travestilidades, identidades e educação. Assim sendo, as questões norteadoras desse trabalho foram: como a cisnormatividade opera na escola violentando continuamente a professora travesti? Quais estratégias de resistência Louranya utilizou para continuar como docente na escola?

Caminho metodológico

A construção deste trabalho se pautou na perspectiva pós-estruturalista, afastando-se dos estudos essencialistas, em virtude de desejar novas formas de análise acerca das identidades travestis, por compreendê-las como vivências que borram as fronteiras demarcadas de gênero (feminilidade versus masculinidade).

Entendemos que não é necessário universalizar e nem padronizar as formas de estar no mundo, pois as subjetividades estão para além das normatizações e das normalizações e que há formas de escape a tudo isso (CORAZZA, 2007).

Neste caminho que construímos e seguimos, deslocamos as certezas e operamos com as provisoriedades. Portanto, admitimos que os procedimentos e o trilhar metodológicos aqui apresentados não foram realizados com passos rígidos, pois compreendemos que a tessitura metodológica deve se adequar às necessidades da investigação.

A pesquisa teve início quando o primeiro autor do trabalho soube da existência de uma travesti professora de uma escola de rede municipal de Jequié, BA, por intermédio da indicação de uma mestranda do programa de pós-graduação *stricto sensu* do qual ele fez parte. O primeiro contato com ela foi feito por meio de uma ligação telefônica e ela demonstrou receptividade em ouvir e aceitar conversar sobre a pesquisa.

No primeiro encontro com Louranya já houve confirmação da disponibilidade para participar da pesquisa e dali em diante foram feitos outros encontros que permitiram o desenvolvimento do trabalho. Neste trabalho mantivemos o nome pelo qual a participante se identifica, pois foi desejo dela que não fosse substituído por um fictício.

A produção do material empírico se deu por meio da entrevista narrativa por entender que esta preserva “perspectivas particulares de uma forma mais autêntica” (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2014, p. 91).

A entrevista narrativa é uma ferramenta da pesquisa qualitativa, uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas, e sua conceituação decorre de uma espécie de crítica ao esquema impositivo de pergunta-resposta da maioria das entrevistas. Por meio das narrativas “histórias são escritas e identidades são discursivamente produzidas” (ANDRADE, 2014, p. 182).

Narrar significa contar histórias sobre situações vivenciadas pela interlocutora, assim a proposta foi que Louranya descrevesse elementos considerados relevantes em sua vida diante do contexto social e sua perspectiva de mundo.

Além de Louranya, foi estabelecido contato e também realizadas entrevistas com algumas pessoas que tinham relação com ela, no caso, uma das

mães de um ex-estudante, aqui com o pseudônimo de Rosa e a diretora da escola na época em que ela iniciou sua carreira e neste trabalho, nomeada de Flora.

Essas entrevistas foram gravadas em áudio, posteriormente transcritas e analisadas. Durante as visitas na comunidade em que ela morava e nas escolas em que trabalhou também foi utilizado um diário de campo para registrar as informações que considerássemos pertinente para este estudo.

As análises foram construídas com base nos referenciais dos estudos pós-críticos, pós-estruturalistas e também dialogando com autoras travestis e trans da epistemologia transfeminista.

As vivências de uma professora travesti na escola

A primeiras experiências da docência que Louranya teve foi em uma creche de tempo integral, narrando os desafios e os métodos que buscou para resolver a situação ao ficar sozinha em uma sala com muitas crianças para cuidar, pois ainda não contava com vivências educacionais anteriores. Posteriormente, ela foi trabalhar com anos iniciais do ensino fundamental. Em um de seus relatos, ela nos conta:

Primeira cena narrativa: [...]Foi um trabalho muito difícil para mim. Foi uma experiência que não foi muito positiva. Gostei, mas deixou um trauma, né porque se tivesse outra pessoa pra ajudar era bem mais proveitoso né, porque na realidade, vinte e cinco crianças para você dar conta, uma pessoa sozinha é meio complicado. **Então assim, logo no primeiro dia, de cara, eu peguei uma sala de onze às três muito boa, os meninos eram desenvolvidos, já sabiam ler, já sabiam escrever eram interessados; mas a turma do horário de três às sete, eu sofri, né? No primeiro dia mesmo teve um aluno chamado Davi. Ele era um aluno que não dava respeito a ninguém, nem direção, nem professor nem a própria mãe, somente o pai. Às vezes que a mãe conseguia controlar. E no primeiro dia de aula, ele pegou um estilete pra me matar e veio pra cima de mim com esse estilete pra me matar. Aí eu fui e falei com ele que, se ele não me matasse, eu tomava o estilete da mão dele e enfiava nele. Peguei ele pelo pescoço e segurei. Foi a minha reação, né? Diante disso chegou a diretora Flora e o pastor que era o vice também da escola. Todos os alunos ficaram chocados com a cena em questão, de ele tomar essa atitude de querer vir me matar, né? Também não entendi o motivo nem o porquê. **Aí a gente veio trabalhando, veio conquistando porque assim a gente tem que conquistar o aluno. tem que conquistar as pessoas pra dar confiança, né pra ter a confiança da pessoa então eu comecei a trabalhar, comecei a envolver, a buscar a interação dele com outros alunos até comigo, até com a diretora da escola e consegui, graças a Deus, hoje, na época o aluno foi um dos melhores alunos que eu tive. Realmente, ele se transformou. Virou outra pessoa. Hoje eu o encontro pela rua, terminou os estudos, se dá muito bem com a mãe e ela me agradece muito, diz que eu fui muito importante na vida do filho** (Louranya – grifo nosso).**

Nesse trecho narrado, os processos de violência vivenciados por Louranya nos possibilita pensar sobre algumas possibilidades discursivas como, por exemplo, a reiterada e repetida ideia de que a travesti por si só já é uma afronta e um desrespeito aos espaços sociais e institucionais em geral e que, por conta desse desrespeito atribuído à presença da professora travesti, seja justificável as reações e constantes perseguições da comunidade escolar para adequá-la aos moldes esperados.

Há, por parte de Louranya, um estranhamento e uma não compreensão do porquê da reação de Davi. No mesmo curso da narrativa, há uma possibilidade de resposta e que essa seria pelo fato de o garoto não gostar de ninguém da escola e que já havia feito ameaças para a diretora e o vice. Desse modo, algumas perguntas se fazem pertinentes: Esse aluno, mesmo sendo percebido como quem não gostava de ninguém na escola, já havia atacado outra/o professor/a cisgênera(o) com a intenção de ceifar a vida como fez com Louranya? Por que Louranya foi atacada com um estilete?

Talvez, uma possibilidade para esse tipo de reação do aluno se deva, dentre outros fatores, à presença de uma travesti e que seja professora na escola, justamente pela ideia disseminada de que esse corpo abjeto, nessa posição na sala de aula, é uma afronta e, em certa medida, agride o(a) outro(a) que não aceita a fuga da norma nos espaços educacionais.

A presença de um corpo travesti no espaço institucional escolar por si só já desestabiliza a norma escolar que é pautada em perspectivas heterogêndradas e cisnormativas. Essa norma é duplamente afetada quando essa travesti é uma professora da instituição, lugar de certa relação de poder e hierarquia na relação com os alunos e demais membros da comunidade escolar e isso tensiona ainda mais um sistema que se quer mantenedor de certo "status quo". A corporalidade travesti funciona nesse contexto como a materialização do ativismo político e social em espaços institucionais.

Em outra situação trazida por Louranya percebemos as ameaças que ela vivencia frente a sua presença na escola.

Segunda cena narrativa: *Depois teve outra turma também na quarta série onde a mãe não aceitava que o filho dela estudasse com um gay, com uma travesti porque o filho dela só estudou até hoje com mulher, né e como é que o filho dela iria estudar com um homem, né, que parecia*

mulher? Pra ela, não entrava na cabeça dela. Então ela pediu pra diretora da escola, essa mesma diretora chamada Flora, que ou era o filho dela ou eu na escola, né. Aí a diretora, enquanto diretora, não tinha passado o caso pra mim. Depois ela conversou, ela falou, propôs à mãe que deixasse que o filho dela estudasse comigo pelo menos uma semana pra ver se ele se adaptava. Se o filho não se adaptasse a mim, ela tirava e trocava de sala, mas que ela no momento não ia tirar porque ele foi matriculado e foi encaixado naquela turma. Então, não ia fazer o remanejamento; só depois. A mãe concordou. Então eu preparei aquelas aulas maravilhosas, as melhores que já dei. Então, o aluno acabou se apaixonando por mim, né, pelo meu trabalho e a mãe veio até a mim depois e pediu desculpa. Ela pediu à diretora desculpa. Pensou que eu era diferente, né, que se eu queria dar em cima do filho só porque eu era travesti e não teria respeito. E não. É tanto que hoje é minha amiga, gosta de mim sempre vem aqui em casa e a gente conversa, entendeu? Ela costuma me perguntar, pedir conselhos, fala muito do filho dela que cresceu que tá muito bem na vida, tá trabalhando, entendeu? Pra mim é gratificante como profissional ver o reconhecimento, né do que a gente veio passando até agora, porque a gente só vê o reconhecimento não no início, mas sim depois, os frutos colhemos depois porque as pessoas vão lhe dar valor, vão lhe dar respeito[...] (Louranya – grifo nosso).

Quando a gestão, as(os) professoras(es) e algumas mães de alunos(as) sentem-se ameaçados(as), começam a ver a presença da professora travesti como um problema. Desse modo, questionamos: Por que a escola não pode ter uma professora travesti? Quiçá, a travesti desloca a figura da professora cisgênera e heterossexual, lida como aquela que tem a sua identidade de gênero e sexual considerada normal e adequada para a profissão que exerce, no caso, a docência.

Para uma professora que tem outra corporalidade, em especial pelos atributos de gênero e sexualidade destoantes e dissidentes, Louranya perturbaria continuamente este lugar da norma, gerando estranhamento para toda comunidade escolar e, mais do que isso, sendo considerada indesejada na escola (SEFFNER; REIDEL, 2015).

A presença e resistência de Louranya na escola é, de alguma forma, um ativismo trans. A pesquisadora e transfeminista Jaqueline Gomes de Jesus pontua que:

o transfeminismo pode ser definido como uma linha de pensamento e de prática feminista que, em síntese, rediscute a subordinação morfológica do gênero (como construção psicossocial) ao sexo (como biologia), condicionada por processos históricos, criticando-a como uma prática social que tem servido como justificativa para a opressão sobre quaisquer pessoas cujos corpos não estão conformes à norma binária homem/pênis e mulher/vagina, incluindo-se aí: homens e mulheres transgênero; mulheres cisgênero hysterectomizadas e/ou mastectomizadas; homens cisgênero orquiectomizados e/ou emasculados; e casais heterossexuais com práticas e

papeis afetivossexuais divergentes dos tradicionalmente atribuídos, entre outras pessoas (JESUS, 2014, p. 243).

Podemos pensar, em certa medida, que o trans-feminismo faz parte das vivências profissionais de Louranya no momento em que sua entrada no espaço escolar põe em xeque muitas questões condicionadas sócio-historicamente nesses espaços educacionais sobre corpos generificados e suas relações com o sexo. Pensar o transfeminismo é questionar as práticas essencializadoras que oprimem todos os corpos que, em alguma medida, fogem da norma binária.

Acreditamos que pensar o corpo abjeto nessa perspectiva seja o grande potencial problematizador para se deslocar o uso dessa categoria para uma utilização estratégica que ao ser retomada e repetida reiteradas vezes possa tomar uma direção que inverta e desestabilize os propósitos originalmente produzidos (BUTLER, 2001).

Nessa narrativa de Louranya, a mãe de um aluno, aqui nomeada de Rosa, busca meios para tirá-lo da referida turma ao descobrir que seu filho estudaria com uma professora travesti. Ela se reúne com outras mães que desejavam reclamar sobre tal situação e exige providências da direção sobre o caso ou retirariam suas crianças da escola. Há uma intimidação por parte dos familiares em relação à diretora Flora para que esta se posicione contra Louranya e que a retire da sala de aula em razão da sua identidade de gênero. Por que não se pode ter uma professora travesti na escola?

O corpo travesti causa aversão às famílias das crianças. É um corpo lido como obsceno e com uma sexualidade desregrada. Louranya não possui uma corporalidade e uma identidade de gênero reconhecida pelas famílias de seus/suas alunos/as, gerando a recusa em tê-la como docente de seus/suas filhos/as. Quantas professoras cisgêneras e heterossexuais vivenciaram situações como a de Louranya, em que algumas famílias exigem que ela não leccione para os(as) seus(suas) filhos(as), independente da atuação profissional?

A profissionalidade de Louranya é posta em xeque, assim, há nessa narrativa a busca pela realização de um trabalho de excelência como meio para se alcançar a aceitação e, conseqüentemente, a manutenção do emprego, visto que este era oferecido por meio de contratos administrativos com tempo determinado. Louranya não era professora efetiva do município e dependia da permanência do contrato temporário como docente.

Embora não queiramos julgar a atitude da diretora Flora, mas pôr à prova a competência de Louranya é, de alguma maneira, entender que obrigatoriamente, as travestis devem ter um desempenho extraordinário para que possam atuar como docente. Nós não vemos professoras cisgêneras e heterossexuais terem de demonstrar sua competência profissional para que não sejam exoneradas como professoras por conta de sua identidade de gênero e sexual, o que não ocorre com as professoras travestis que, necessitam, permanentemente, provar um desempenho exemplar, estando sob uma vigilância profissional infundável.

A travesti ativista, pesquisadora e professora Sara Wagner York nos relata que foi compreendendo o privilégio cisheteronormativo na docência quando um de seus colegas da pós-graduação relatou sobre a pesquisa dele em que dialogava sobre palavras com seus(suas) discentes do ensino fundamental. Sara percebeu que se uma professora travesti fizesse isso, seria exonerada, diferente dele que era um homem cis e heterossexual. Da mesma forma, Sara também destaca que, durante as aulas, seus(suas) alunos(as) a questionavam se ela havia feito a cirurgia de transgenitalização e colocado prótese, pergunta esta não feita para as(os) docentes cisgêneras(os) e heterossexuais (CARA; YORK, 2020).

Nesta pesquisa, além de dialogar com Louranya buscamos essa mãe que desejava a saída de Louranya da escola. Por meio de contatos e após um bom diálogo foi possível a colaboração de Rosa na produção deste trabalho a fim de conhecer um pouco mais da situação por meio do olhar dela. Rosa se posicionava inicialmente a favor da saída da professora travesti da escola. Eis a colocação feita por ela:

[Pesquisador]: *O que aconteceu quando soube que a professora do seu filho era uma travesti?*

[Rosa]: *[...] Na verdade eu tinha medo de que essa professora travesti pudesse ensinar meu filho a ser como ele no futuro e nenhuma mãe deseja que seu filho que nasceu homem fique querendo ser mulher, usando coisas de mulher, se maquiando, colocando peito essas coisas. Ah Deus me livre de que isso aconteça com meu filho. Aí eu fui na escola conversar com a diretora para saber direito sobre esse negócio, porque os burburinhos estavam demais e isso já tava me abusando. **Eu não queria de maneira nenhuma que meu filho fosse ensinado por um travesti. Não via com bons olhos pensar como seria o trabalho dela com as crianças e o que isso poderia trazer depois.** E olha que foram vários pais e mães na escola viu pra reclamar sobre isso e de quererem tirar seus filhos de lá. **O vice-diretor mesmo, o pastor Ivan estava se mostrando a favor dos pais para que ele saísse da escola e fosse para outro lugar e ele explicava para os pais que se nada fosse feito, nós deveríamos mesmo mudar os nossos filhos para outra escola, pois ter como professor de uma escola de respeito um gay, um homossexual não seria correto para o***

desenvolvimento e aprendizado das crianças. E tudo isso acontecendo nos primeiros dias de aula, viu. Com isso, vários dos pais começaram a cobrar da direção um posicionamento e uma ação sobre o que estava acontecendo. Eu mesmo disse à diretora que se ela não tirasse a travesti da escola que mudasse o meu filho para outra turma, mas tendo aula com ele, na sala, eu não aceitava. A diretora disse a mim e a várias outras mães e pais que dessem um tempo para que o professor pudesse mostrar um pouco do seu trabalho com a turma e, se depois eles não gostassem, poderiam tirar seus filhos da escola. Mesmo assim ainda houve uma ou duas saídas de alunos da instituição. Olha nos meus primeiros encontros com ela na escola, eu não fui muito com a cara não viu e preferia nem falar nada com ela. Eu tinha raiva e não queria meu filho próximo dela. Por isso a insistência para que meu filho mudasse de turma, mas a diretora fez essa proposta e nós aceitamos. Eu decidi deixar pra ver, assim como minhas colegas também deixaram seus filhos por mais um tempo. Foi aí que eu percebi que meu filho, depois de algum tempo estava gostando das aulas e que me falava que o professor era legal e as aulas dele eram boas. Acabou que toda a turma que permaneceu na escola começou a gostar do professor depois de um tempo e com isso eu decidi conhecer pessoalmente. Depois que conheci tudo mudou em minha cabeça e eu percebi que ela era uma professora muito comprometida e também muito simpática. Os outros professores também gostavam e todos se davam muito bem. Apenas o vice que continuava batendo na mesma tecla. Eu acho que ela é filha de deus como qualquer um de nós e quem somos nós para julgar os outros, né? Cada um segue sua vida como quiser e ninguém tem nada a ver com isso. E ela sempre se deu o respeito na escola com as crianças

Observamos que logo no início da narrativa de Rosa, a sua maior preocupação com a presença de uma professora travesti na escola se dava por acreditar que seu filho pudesse aprender a se tornar travesti, encontrando o ensinamento e o incentivo em sala de aula. A ameaça para o filho, na perspectiva dessa mãe, é a de que esse corpo transgressor em sala de aula servirá como um estímulo para as crianças, uma espécie de contágio que precisa ser combatido a todo custo. A dissidência de gênero expressa em Louranya torna-se motivo suficiente para que parte dos familiares e algumas/alguns professoras/es sejam capturados/as por esses discursos cisnormativos.

Conforme trazido por Viviane Vergueiro (2016, p. 264):

A cisnormatividade estaria alinhada à heteronormatividade na medida em que se constitui pelas práticas e instituições que legitimam e privilegiam a cisgeneridade como corporalidades e identidades de gênero naturais e mentalmente saudáveis; tais práticas organizam, entre outros fatores, moralidades, ideais de família e Estado, bem como as possibilidades políticas de pensarmos as diversidades corporais e de identidades de gênero.

A professora travesti era vista como uma ameaça ao bom andamento das atividades. Por conta disso, instalava-se um medo por parte de algumas famílias de

que Louranya pudesse influenciar as(os) alunas(os) a, por exemplo, sentirem desejos e a quererem conhecer mais sobre a travestilidade e que isso se intensificasse nas discussões no espaço da sala de aula e da escola como um todo. Conforme Seffner e Reidel (2015, p. 446):

Esta é a dimensão menos desenvolvida no debate, em especial por conta do pânico moral que domina as discussões, e que de imediato coloca as professoras travestis e transexuais na posição de pessoas pouco confiáveis para servir de exemplo às novas gerações, portanto, inadequadas para estarem em sala de aula, frente às “inocentes” crianças e jovens.

Seguindo a narração é possível perceber em um momento que a mãe menciona uma pessoa importante para se pensar sobre a questão de quem está autorizado a falar, de onde fala e para quem fala, analisando com base em Foucault (2004). Trata-se do vice-diretor da escola que, para além de suas atividades e rotinas na organização e andamento das atividades escolares, exerce o ofício de pastor de uma congregação protestante na região. Ser um pastor nessas circunstâncias propicia maior representatividade no sentido de que essa nomeação produz, em certa medida, uma imagem de liderança e de detentor de grandes saberes e que oferece grandes ensinamentos para o seu rebanho.

O pastor, com a propriedade a que está conferida o seu discurso, fala de um determinado lugar autorizado e, mais do que isso, legitimado por determinada religião, o protestantismo, reiterando a cisgeneridade compulsória, ao mesmo tempo em que nega outras formas de se conceber o sexo, o gênero e a sexualidade. Dessa forma, quando a fala de autoridade da diretora que não frequenta nenhuma religião se depara com a fala de um vice-diretor que é pastor e tem uma religião com grande número de seguidores/as, fica difícil o confronto, pois o pastor fala de um lugar em que a maioria das famílias da comunidade, segundo observação e anotações feitas, comunga da citada religião.

O discurso religioso nesse contexto passa a reger, em certa medida, os modos e os comportamentos que devem ser adotados pela comunidade escolar a fim de se produzir sujeitos/as adequadas/os aos valores judaico-cristãos de modo que se sinta a necessidade de vigiar, corrigir e punir quem, por ventura, não siga os ensinamentos sagrados.

É interessante perceber como Rosa é enfática ao dizer que uma escola de respeito não poderia ter uma professora como Louranya, que, inclusive, era lida, à

princípio pelo grupo como gay e não travesti. Ter Louranya como professora na escola seria ofensivo e estaria comprometendo o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

A instituição escolar produz e reifica o discurso cisnormativo, capturando professores/as, alunas/os, gestoras/es e toda a composição de membros da comunidade escolar por meio de discursos e práticas pautadas em um conhecimento tradicionalista, arcaico e conservador sendo reproduzido e constantemente repetido. Há uma proposta e um investimento por parte dessas instituições em construir e perpetuar compreensões de valores com base nos ensinamentos religiosos herdados da cultura judaico-cristã.

Sobre essa partilha doutrinária, Portela (2006, p. 568) pontua que “Esta partilha, entretanto, é condicionada pela exigência de que se reconheçam as mesmas verdades e se aceitem as regras de conformidade com os discursos oficiais. Assim, a doutrina liga as pessoas a certos enunciados, lhes proibindo outros”. Acontece assim uma espécie de legitimidade normativa que ganha espaço nas produções e discursos da escola e, conseqüentemente das famílias que, de algum modo, se encontram ligadas a essas e outras instituições. Há nessas produções discursivas religiosas, milhares de vozes ecoando por meio da imagem e das falas do pastor.

O pastor ainda conta com o amparo de um material potencialmente significativo com relação à influência que exerce sobre as/os fiéis que é a bíblia, preenchendo ainda mais de autoridade o lugar de onde fala. Surgem desse modo, os discursos do pecado, daquilo que é contra a vontade de Deus, por exemplo. Louranya é vista como aquela que não é referência como professora, aliás, é uma professora que desviaria as(os) alunos(as) daquilo que seria o desejado.

Ademais, para Rosa, para o vice-diretor e para outras mães que têm seus filhos na referida escola, Louranya não é exemplo, pois é possuidora de uma identidade de gênero e sexualidade (des)regrada. Nessa perspectiva, homossexuais, trans, travestis e qualquer segmento que tenha outra variação que não pautada na norma sofrerá sanções, cerceamento, entre outras penalidades e tentativas de correção e coerção. Assim Rosa narra que ela e outras mães que se opuseram ao fato, foram convidadas pela diretora para deixarem os/as filhos/as mais uma semana para testarem a competência e o trabalho da professora.

As mães aceitaram a proposta com a ressalva de que se o trabalho de Louranya não fosse satisfatório, tirariam as crianças da escola. Essa negociação serve para exemplificar uma realidade que acontece com várias outras professoras/es e estudantes travestis e transgêneras/os por todo o país, como bem mostram pesquisas como as de Reidel (2013), Andrade (2015) e Franco (2014). Há uma cobrança excessiva para quem é abjeto de modo que seja necessária a comprovação de outras competências e habilidades para ocorrer uma aceitação, uma manutenção do emprego, uma respeitabilidade na posição de professora etc.

Permanentemente, Louranya é cobrada e vigiada pelas instituições que fazem uso do poder para adestrar aquele corpo que se quer separado e diferente. Há um disciplinamento, há uma relação de poder. Esse poder é segundo Foucault:

[...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior 'adestrar'; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. A disciplina 'fabrica' indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício (FOUCAULT, 1999, p. 201).

Esse poder é institucionalizado, sanciona e determina o que se deve ser e como ser, como agir e como se vê perante as demais pessoas. Esse poder mais do que oprimir sujeitos ele as/os produz e é isso que o torna tão eficiente, pois a partir do momento em que as/os sujeitas/os são produzidas/os, não se tem a necessidade de buscar a repressão e a opressão por processos outros que mais se tornariam cansativos e em muitos casos ineficientes (FOUCAULT, 1999).

Mesmo que Louranya tenha tido sucesso naquela primeira semana de aula e que uma das mães tenha repensado e reconhecido a sua competência, embora evidenciasse atitudes transfóbicas, duas crianças saíram da instituição, conforme nos contou Rosa, ressaltando que, para algumas famílias, mesmo Louranya sendo uma professora competente, isso não foi suficiente para o reconhecimento dela como professora. Desta maneira, nos perguntamos: investir nesse pensamento de que a competência profissional se sobressai em relação à identidade travesti ou transgênera é uma saída adequada, ou com isso, estaríamos mantendo a violência transfóbica e requerendo uma dedicação e desempenho maior das travestis e mulheres e homens trans em detrimento das pessoas cisgêneras?

Trazemos ainda, trechos da narrativa da servidora Flora, diretora na época em que Louranya iniciou os trabalhos na escola. Essa diretora é a mesma mencionada na narrativa anterior e que tinha como vice o pastor. Essas informações, assim como as demais, foram construídas por meio da busca por pessoas que, em alguma medida, tinham uma relação no tocante às vivências profissionais da professora. A aproximação à Flora se deu por intermédio da própria Louranya que por conhecê-la bem e manterem uma relação de amizade muito próxima, facilitou o contato.

[Pesquisador]: *Como foi para você a chegada de Louranya para lecionar na escola? O que você percebia como reação da comunidade escolar?*

[Flora (diretora)]: *Sei que, naquela época, fui até chamada a atenção pelo vice-diretor que me questionou em relação a ter um professor homossexual, minha filha ter um professor homossexual o que é que eu achava? No entanto, eu não busquei o lado pessoal, a vida pessoal de cada um, o que é de cada um, mas eu vejo o lado profissional. **E como profissional, como professor, é o professor Antônio ou Louranya seja lá como ele se identificar melhor, ele se destacou entre os demais. Isso eu posso garantir. Falo com ele, tranquila, que naquela época ele realmente se destacou. Os alunos obedeciam e respeitavam. Claro que houve rejeição por parte de alguns pais, mas com o passar do tempo, decorrer do tempo, dos meses, foram percebendo que não se tratava apenas de uma pessoa homossexual. Outros até tratam como a gente costuma ouvir, pejorativamente aí professor bicha. Porque, infelizmente, ainda há esse preconceito na nossa sociedade, ainda há esse preconceito de não respeitar o outro como o outro é, sem querer, sem perguntar, mas, é por parte dos colegas ele foi bem recebido sim, muito respeitado, trabalho normal, trabalho tranquilo. Já teve aqui essa semana, inclusive. Mas é uma pessoa, independente da escolha sexual dele, da ideologia sexual dele é uma pessoa fantástica. ANTÔNIO prefiro chamar assim de ANTÔNIO.***

*A questão da posição do meu vice, na época, eu acredito que, por ele ser pastor, ele teria esse pensamento que me questionou. Chegou até a ser meio grosseiro. Ele disse: olha Flora, a senhora tem uma filha, sim, tem uma filha. E a senhora gostaria que a sua filha tivesse um professor gay na sala? Eu olhei pra ele, analisei a pergunta e respondi pra ele que eu não estava apenas buscando o lado da situação se era homossexual ou bissexual, mas que eu estava vendo um profissional e é o profissional que a gente deveria estar analisando e não a questão pessoal. Porque isso aí como eu já falei é uma questão muito pessoal. Você é aquilo que você é. Pode andar junto o profissional com o pessoal? Pode. Mas você também pode separar as coisas, entendeu? **Nada assim em termos de vestimenta, de comportamento em sala de aula eu tenho assim a dizer que possa estar denegrindo a imagem dele. Tenho nada nada nada.** Os colegas de sala, os colegas de trabalho também o apoiaram, receberam bem. Eu sempre trabalhei com inclusão. Claro que o meu trabalho com a inclusão não partiu daí, da questão de ser homossexual, trans ou bi, mas surgiu por pessoas especiais com cegueira, com deficiência física, mental, então a gente já começa a trabalhar. Já trabalho há muito tempo na área da inclusão, porém nunca trabalhei assim com pessoas transexuais ou bi ou homossexuais não. **E ao chegar aqui, a nova direção já, você percebia que olhava pra ele com diferenças, mas mesmo assim ele não deixou de ir até o final do ano com a turma. Fez uma festa de formatura muito linda, que ele tem uma capacidade muito grande pra organizar essas coisas e saiu.***

Nas primeiras marcações da narrativa de Flora há uma retomada, em alguma medida, dos discursos que já haviam sido notados em narrativas anteriores. Aparece novamente a figura do pastor fazendo um questionamento para a diretora se ela gostaria que sua filha tivesse um professor homossexual. Quando nos deparamos com discursos como esses, precisamos refletir sobre suas origens.

Nesse sentido é necessário que nos atentemos a esses discursos que, para além de quem fala, representam outras tantas vozes e discursos construídos e legitimados que se formam no seio da cultura e que são (re)produzidos.

Pensando desta forma, poderíamos considerar que esse tipo de discurso, muitas vezes, está normatizado, enraizado nos pensamentos de muitas pessoas e permeia os espaços e as relações de forma naturalizada e vindo à tona com base em uma fala de uma única pessoa que nos damos conta (ou não) de que eles existem para além de quem os enuncia. Louranya tem de provar o tempo inteiro que é competente para que o fato de ser uma travesti ganhe alguma amenização no espaço institucional.

Novamente o que aparece na narrativa é a idealização de que essa pessoa que leciona na escola é possuidora de uma sexualidade disparatada, imoral e sem regras conforme compreendida pela instituição escolar, sendo a professora travesti considerada como uma docente anormal para ocupar esse espaço e para ensinar as crianças.

Nessas perspectivas e práticas discursivas aqui suscitadas, percebemos nas colocações da diretora que, mesmo tentando “remar contra a maré” que se instaurou na escola, Flora em vários momentos também é capturada pela norma, por exemplo, quando enfatiza a preferência em tratar a professora travesti no masculino. Mesmo que isso não seja e nunca tenha sido um problema para Louranya, segundo colocações dela, mas torna-se importante discutir essa resistência em tratá-la como feminina.

A utilização do nome Antônio é enfática no sentido de reforçar a ideia de que a travesti professora é um homem e que, na escola, deve ser chamado pelo nome que está no documento ou pelo seu apelido no masculino. Há aí um não reconhecimento de Louranya como travesti e uma negação do direito de utilização do nome social, o que constitui outro ato de violência e cerceamento dos direitos de as pessoas serem nomeadas como desejam nos espaços de trabalho e sociais em geral.

Independentemente de haver uma regulamentação na instituição para a utilização do nome social, há a resistência, a vigilância e a punição às individualidades e particularidades da travesti professora. A transfobia desse modo encontra ‘respaldo’ nos argumentos produzidos sobre como deve ser um professor e uma professora e como devem agir nos espaços da escola e na produção dos conhecimentos e nas suas relações com os alunos.

Em outro momento da narrativa, Flora salienta que ao ser substituída na direção, percebia que essa nova gestão olhava com reservas, com uma espécie de desaprovação para a presença de um corpo estranho na escola, mas que, mesmo assim, Louranya não deixou de ficar até o final do ano e realizando uma festa de formatura com a turma. Esse momento da narrativa nos faz pensar que, de acordo com as mudanças de gestão escolar, surgem novos desafios e enfrentamentos em que Louranya precisa lidar. Aliás, surgem os velhos desafios e enfrentamentos, pois a situação parece se repetir continuamente em um contexto que só se mudam as/os personagens.

Mas Flora não é capturada o tempo todo. Ela também realiza seus escapes quando, por exemplo, declara que sempre trabalhou na perspectiva da inclusão social e que isso a preparou melhor para lidar com determinadas situações. Ela ainda questiona as colocações do vice-diretor que, de forma insistente, a intimida perguntando como ela lidaria se sua filha tivesse um professor gay, inclusive não reconhecendo Louranya como travesti. Flora insiste na ideia de que ela não focaliza para o gênero ou sexualidade da professora, mas para a competência profissional.

Ela diz que a identidade de gênero não está em questão, mas como Louranya desempenha seu trabalho enquanto docente. Embora concordemos que a análise a ser feita pela escola se relacione ao trabalho da docente, nos inquieta esta ideia de que se deva separar o pessoal do profissional, pois Louranya ao adentrar na escola, ela continua sendo a travesti. Ela não vai deixar sua travestilidade em casa e assumir uma identidade cisgênera? Ou é isso que as pessoas que defendem a cisnormatividade desejam, como foi o caso do pastor?

Flora, ainda ao mencionar que não tem queixas em relação às vestimentas ou comportamento em sala de aula, acaba por cair em um lugar em que há uma intensificação da vigilância sobre o corpo de Louranya. Flora não está dissociada quando o assunto são as relações de poder, os jogos de poder, os chamados

micropoderes que perpassam as relações que se estabelecem entre as instituições, os seus valores norteadores e os membros que as compõem, provocando transformações e modificações de condutas individuais (FOUCAULT, 2004).

Ressaltamos que a nossa intenção não é a de atacar a escola enquanto instituição permeada por relações de poder, mas sim de analisar os discursos correlatos a uma forma de poder que se exerce sobre os sujeitos em suas vivências na escola, até porque o fato de existirem processos de disciplinamento demonstra que os sujeitos se insurgem e que, muitas vezes, acabam por criar alternativas para burlar o sistema de observação constante.

Ao discutirmos sobre travestilidades e identidades na interface com os espaços formais de educação e com o espaço da comunidade, para além de pensarmos sobre os processos discriminatórios vivenciados pela professora travesti nas suas vivências profissionais, faz-se fundamental que salientemos também, ainda que de modo breve, sobre as resistências protagonizadas por esta professora.

Louranya utilizou de estratégias para escapar à transfobia, destacando o seu potencial e capacidade para conquistar alunas(os), mães de alunas(os), equipe gestora e colegas de trabalho por meio da autoconfiança e da competência profissional, embora também nos provoque essa busca por conquistar as pessoas. De alguma forma, nós, LGBTTQIA+, somos cobradas(as) insistentemente para nos destacarmos profissionalmente, talvez, para que com isso sejam amenizadas a exclusão e a violência que nos acometem cotidianamente.

Essas formas de intervenção da professora também contribuíam para que as(os) alunas(os) compreendessem e reconhecessem a travestilidade enquanto uma identidade de gênero tão legítima como qualquer outra, inclusive alguns/algumas disseram a princípio que entendiam Louranya como homem, do sexo masculino e que gostava de se vestir de mulher. Portanto, foi uma experiência relevante para que Louranya também problematizasse a cisnormatividade enquanto sistema que invisibiliza outras configurações de identidades que escapam à cisgeneridade.

Quais os rastros deixados por esta pesquisa?

Os processos de cerceamento, de proibição e de escolarização dos corpos ainda tem espaço prioritário nas instituições. A chegada de uma professora travesti na escola gera uma série de reações contrárias a sua permanência. O pensamento

cisnormativo não reconhece Louranya como uma professora com direito de exercer sua profissão docente com as crianças, ao contrário, ela se constrói como uma ameaça para as(os) garotas(os).

A transfobia desse modo encontra 'respaldo' nos argumentos produzidos sobre como deve ser um professor e uma professora e como devem agir nos espaços da escola e na produção dos conhecimentos e nas suas relações com os alunos. Desse modo, a presença da travesti professora provoca ameaças e inseguranças a esse sistema vigente. Há uma vigilância maior do trabalho de Louranya em relação a outras(os) educadoras(es) pelo fato dela ser travesti.

Ao mesmo tempo, Louranya produz deslocamentos de muitas certezas afirmadas pelo senso comum e pelas idealizações tradicionalistas, além de mostrar por meio das suas vivências que as compreensões sobre gênero e sexualidade podem ser muito mais potentes quando consideradas as suas várias condições de possibilidade.

Apesar da transfobia vivenciada por Louranya, ela também ensinou mães, crianças e o próprio corpo docente a repensarem a cisnormatividade presente em nossa sociedade e a construir novos olhares sobre as produções e identidades de gênero, mesmo que ainda alguns/algumas insistam em deslegitimar as vivências travestis.

Referências

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pró-estruturalistas**. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 175-196.

BAUER, Martin W.; JOVCHELOVITCH, Sandra. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes. 2014, p. 90-113.

BENEDETTI, M. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CARA, D. T.; YORK, S. W. Entrevista com Sara York: a travesti da/na educação. Entrevista sobre atuação e vida da professora Sara Wagner York. **Educação**, [S. l.], v. 45, n. 1, p. e110/ 1–35, 2020.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007, p. 103-127.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001, p. 151-172.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 20 ed. 1999. 288 p.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FRANCO, Neil. **Professoras trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014, 266p.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. **Universitas humanística**, Bogotá, n. 78, p. 241-257, dez. 2014.
PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume-Fapesp, 2009.

PORTELA, Rodrigo. Discurso religioso, legitimidade e poder: algumas considerações a partir de Bourdieu, Foucault e Heller. **Fragments de Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 7/8, p. 567-576, jul./ago. 2006.

REIDEL, Marina. **A pedagogia do salto alto: histórias de professoras transexuais e travesti na educação brasileira**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SEFFNER, Fernando; REIDEL, Marina. Professoras travestis e transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto. **Currículo sem fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 445-464, maio/ago. 2015.

VERGUEIRO, Viviane. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., MOUTINHO, L. (orgs.). **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero** [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 249-270.

YORK, Sara Wagner, Oliveira, Megg Rayara Gomes e Benevides, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2020, v. 28, n. 3 e75614.

Recebimento: 23/05/2022

Aprovação: 07/06/2022



Q.Code

Editores-Responsáveis

Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto, Universidade Federal do Ceará, UFC, Ceará, Brasil

Dr. Sebastien Pesce, Universidade de Orléans, França